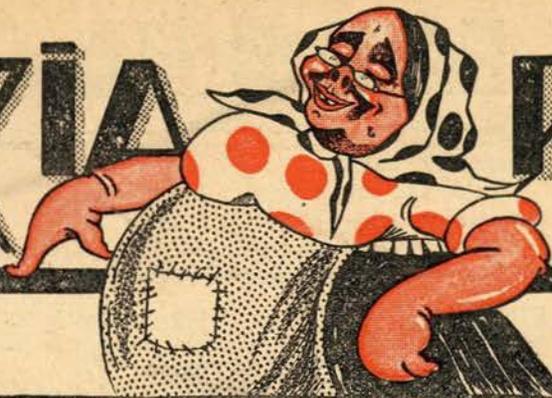


DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA



REVISTA

Humorístico

Associação literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO



## A Voz do Povo



OCTAVIO SÉRGIO

Por causa das orvalhadas  
Trago uma constipação:  
Abalam crueis Moncadas  
A minha Constituição.

Propriedade da Empresa do Magazine « Civilização » L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artistico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

**Número avulso 1 escudo**

Anúncios: Preços convencionais

## PLANO GERAL

— DO —

GRANDE CONCURSO

# PIM-PAM-PUM

que se iniciará no próximo número de a **MARIA RITA**

Será publicada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 25 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente serão atirados **SEIS BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas:

Na 1. <sup>a</sup> Semana	9 bolas
» 2. <sup>a</sup> »	8 »
» 3. <sup>a</sup> »	7 »
» 4. <sup>a</sup> »	6 »

Ficarão portanto a favor do concorrente 6 bolas, porque entre os 25 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tombar, recuará **dois pontos** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

**1 PONTO** por cada boneco em que acerte.

Para controlar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, quatro envelopes, que serão abertos tôdas as 5.<sup>as</sup> feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a **MARIA RITA** publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por êle poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem arbitrados estarão certos.

**::: NADA DE DIFICULDADES :::  
NEM DE MENTIROsas REALIDADES  
NEM TRANSCENDÊNCIAS MENTAIS**

## OS PRÉMIOS

**3 prémios de 500 escudos cada**, para os concorrentes que alcancem mais de **20 pontos**.

**10 prémios de 100 escudos cada**, aos concorrentes que alcancem mais de **16 pontos**.

**150 prémios de 10 escudos**, representados por livro de igual valor, aos concorrentes que alcancem mais de **14 pontos**.

Entre todos os concorrentes, indistintamente, que alcancem mais de **10 PONTOS** será sorteado um aparelho de T. S. F. da grande marca **R. C. A.** (Radio Corporation of America) no valor de

## 2.000 ESCUDOS

Nem favoritismos

Nem subterfúgios

O que é preciso é

## SORTE E BOA PONTARIA

As séries de **tiros**, que serão feitas directamente na barraca que a **MARIA RITA** publicará no próximo número, devem ficar na nossa redacção até Quarta-feira à noite da semana seguinte que corresponder à série

## Experimentem a sua mão certa

### Vá lá ver a sua sorte

**N. B.** — Este concurso poderá ser iniciado desde a primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** recortadas desde o início e ser-lhes marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	= 2 pontos
2 semanas »	= 5 »
3 semanas »	= 8 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados que joguem desde o início, toda a gente poderá concorrer ao nosso grandioso concurso nacional

# PIM-PAM-PUM



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

O sr. Dr. Queiroz Veloso realizou em Lisboa uma conferência subordinada ao título *Como perdemos Olivença*.

Uma bela prelecção histórica, como era de esperar, mas sem grande utilidade.

Ficamos aguardando, portanto, que o ilustre professor efectue em breve outra palestra a dizer-nos *como havemos de readquiri-la*.

O sr. José de Miranda Júnior, da Certã, ao sentar-se numa cadeira de tesoura, decepcionou um dedo.

Por onde se prova que, quem chamou àquelas cadeiras de *tesoura*, lá teve as suas razões.

Lamentamos o facto, Mas do mal o menos. Parece-nos que o sr. Miranda Júnior se deve felicitar por não se ter sentado numa janela — de guilhotina.

Vai erguido um grande clamor por estarem não sei que escolas do Pôrto situadas num bairro suspeito, em cujas casas os alunos são vistos a miúdo.

Então em que ficamos? Não dizem os nossos pedagogistas que é uma enorme conquista do progresso a coeducação dos sexos?

No parque de certo jardim Zoológico palestram vários animais.

Diz um elefante: Considero-me o animal mais venturoso do mundo. Quando minha mulher me pede que a leve a passeio, mostro-lhe uma tromba tal que a faço calar imediatamente.

Contrapõe um canguru: — Pois eu sou mais infeliz. Quando um conhecido me pede dinheiro emprestado, nunca lhe posso dizer que deixei a bolsa em casa.

A serpente: — Mais infeliz sou eu, que já não consigo captar a alma de homem algum para meu amo, Satanaz. Outro dia estava enroscada na árvore do mal. Chegou uma rapariga nova e bonita, e eu convidei-a a comer uma maçã. Colheu-a, cortou-a ao meio...

— F' foi dar metade ao namorado?  
— Qual história? Foi dá-la... a uma amiga íntima!

— Fui muito infeliz com o casamento, meu caro amigo.  
— Tinhas-me dito, porém, que tua mulher era uma pérola.  
— De acôrdo. Mas o pior não é ela: é a madre-pérola.

De um jornal de Lisboa:  
«Na Bolsa: Aguas subiram bruscamente. Desceram um pouco após várias operações. Gás fraco. Príncipe mais animado».  
Quem diabo será este príncipe, que precisou de ser operado?

Regressava eu da Póvoa ao Pôrto, cômódamente recostado numa carruagem-salão de 1.<sup>a</sup> classe e fumando um cigarro *bout-doré*. Porque, aqui onde me vêem, nisto de viagens sigo o exemplo do sr. Júlio Dantas: faça-me



transportar em 1.<sup>a</sup> classe e fumo sempre cigarros ponta-de-ouro. Peço aos futuros biógrafos, meus ou do autor da *Severa*, que tomem nota d'este importantíssimo pormenor.

Sentava-se em minha frente um casal; evidentemente, noivos. Muito unidinhos, segredando coisas e sorrindo a todo o instante. A certa distância, ia um indivíduo já grisalho, de aspecto soturno, olhos cravados no chão, em meio de dois polícias.

Um prisioneiro? Assim o supus a princípio. Mas não era. Era um pobre demente, que vinha para o Conde de Ferreira.

De súbito, um grande alvôrto. O doido levantara-se, e, de canivete em punho, precipitava-se para o nosso lado. E logo o noivo, abandonando a sua querida mulherzinha, deitou a correr para a varanda.

Só regressou quando os polícias conseguiram manietar o homem. Vinha pálido como se o tivessem defumado com enxôfre, e mal atendeu no sorriso desdenhoso com que a companheira o recebeu.

— Então fugiste de essa maneira — observou ela, — tu, que tantas vezes me tens dito que de bom grado afrontarias a morte por mim?

E ele, muito pachorrento:  
— E ainda digo a mesma coisa, minha filha. Mas bem viste que aquele doido não estava morto.

— Vossa excelência permite-me que lhe apresente minha mulher?

— Não é necessário. Eu conheci-a em solteira.

— Vê-se que é mais inteligente do que eu. Eu só a conheci depois de casada.

Realizaram-se no Varatojo festas solenes para a encerração do centenário de Santo António, tendo consistido um dos seus números numa vistosa procissão.

Está certo. O que não está certo é que nesse importante cortejo religioso figurasse, entre S. Jorge, o Beato Nunálvares, «e muitos anjos e personagens bíblicas...» D. João I!

S. Jorge — se acaso existiu — foi, evidente-

mente um grande santo. Nunálvares, também. Mas não nos consta que D. João I esteja canonizado, nem que as suas virtudes o habilitem a figurar nos desfiles católicos.

Em primeiro lugar, matou um homem à tração; em segundo, atirou gostosamente às ortigas o voto de castidade; em terceiro, fez à filha do Barbadão de Veiros aquia *partida* que todos nós sabemos, — com a agravante de haver mandado matar um escudeiro pelo crime de... se ter comportado de forma absolutamente idêntica.

Patriota? Sem dúvida, embora no seu patriotismo entrasse muito de ambição pessoal. Valente? Ninguém o pode negar. Mas santo...

Enfim, o precedente está aberto. Começam os chefes de estado e os grandes políticos a enfileirar nas procissões. Qualquer dia, veremos num andar a imagem do sr. D. Miguel I, entre o sr. Alfredo Pimenta trajando de Madalena e o sr. João Ameal representando o anjo da guarda... dos sagrados papiros integralistas.

No Congresso Catequístico de Braga propôs o sr. Dr. João de Oliveira Matos que «os párocos procurem captar as simpatias do operariado apoiando as suas reclamações justas e apoiando os seus direitos».

E' esta, de facto, a obrigação dos sacerdotes; mas com o fim de cumprir a doutrina, não só do Evangelho, como de algumas encíclicas papais. Nunca no intuito de captarem as simpatias dos proletários, — o que seria diabólicamente simoniaco.

Se é com essa sinceridade que eles vão meter mãos à obra, é de crer que os operários coloquem as suas numa posição pouco decente, mas justíssima.

Marcial JORDÃO.



Muita gente julga que o PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas a verdade é que ele faz de tudo o que diz respeito a camisaria: **ATÉ BONS PREÇOS.**

# Rés-do-chão

## Balancete da semana

Pela undécima vez, o nosso grande e velho amigo Octávio Sérgio, expande o seu talento enorme, num punhado de telas encantadas...  
E enquanto o burguês dorme entre lençóis e as carnes mal passadas da sua Francisquinha,  
— o nosso Octávio, sem vintem, trabalha estas pequenas maravilhas! — Falha ao naipe a bolsa está. Mas êle sabe que bem maior que o capital e a pança,  
— pobre burguês, ó minha eterna criança! — é a glória. Não cabe cinco reis de talento só, no banco onde guardas as tuas «massas» tôdas, com que compras amor na Micas Rodas...  
Vamos, burguês! Sê franco!  
O que darias tu, pobre jumento, p'ra ter algum talento?

.....  
Octávio Sérgio, além, no «Silva Pôrto», espera-te. E' da praxe a visita, também, do proletário,  
— se tu em dia tens o seu salário... —  
Mas a tua, burguês, é um conforto p'ra êle, que talvez, sei lá, despache o quadro mais carinho...  
Não faltes lá, velhinho!  
E compra alguma coisa! Sempre dá um certo tom, na sala pendurada uma tela assinada...  
Puxa os cordões à bolsa! Dir-se-á que te custa a ganhar, a dinheirama que tens no cofre! Diacho!  
Vamos! Salta da cama e vai por 'hi abaixo até ao «Silva Pôrto», em Cedofeita.  
Compra — sei lá! — uma caricatura.  
Há tanta e tão perfeita!  
A tua não a vêes? Que desventura!  
Que delicto nefando!

.....  
Há-de fazer-t'a o Sérgio, um dia, — quando deixar's de ser uma cavalgada!...

Frei-SATAN.

## Sapatos de defunto

Inda quente o cadáver, logo a sala  
De parentes, solícitos, se encheu,  
Não pôr amor daquele que morreu,  
Mas para que não fôsse alguém roubá-la.

Pois, constando existir em funda mala  
Um tesouro, famoso, de judeu,  
Tôda essa turba ali permaneceu,  
Na ânsia de possuí-la e arrombá-la.

E, antes mesmo de o féretro sair,  
Correram pressurosos, para a abrir,  
Mas, ao vê-la, foi grande a confusão:

Dentro apenas acharam, entre cisco,  
Um velho e carcomido S. Francisco,  
Ostentando, piedoso, o seu braço!

ALBANUS.

## ANUNCIOS

### da MARIA RITA

**Papel** — Já usado e com impressões digitais. Vende-se um lote que pode convir a uma fábrica de rebuçados. Tem a marca do caramelo.

**Cintas elásticas** — Vende-se um lote. Serviram em charutos *Quo vadis*.

**Cavalo** — Vende-se um de puro sangue. A análise deu «absolutamente negativa».

## OBJECTOS

encontrados nos «Severianos»

### Camisas e injeções

Na última lista publicada pela Carris, referente aos objectos encontrados nos carros, lia-se quási no fim, o seguinte:

— *Duas camisas usadas de homem; três camisas usadas de senhoras; quatro molhos de chaves; uma injeção um frasco vazio, etc., etc.*

Não nos admira que os homens abandonassem camisas já com uso. Há muitos que depois de as usarem uma única vez, as deitam logo fora.

Agora o que nos causa estranheza são as camisas usadas das senhoras!

Onde é que elas diriam aos maridos que as tinham deixado?

E onde é que elas tiraram as camisas para as embrulhar? Na modista? Na rua? Em casa dalgum primo?

O mais certo foi tirarem-nas no mesmo sítio, onde os homens às vezes, se esquecem das cuecas...

\*  
\*  
\*

E aquela de aparecer uma injeção dentro dum *severiano*?!  
Como é que o condutor viu a injeção e a pôde apanhar de graça?

Lá que encontrasse a ampola, está certo; agora a injeção, é caso para ficarmos de bôca aberta!

Aquilo foi coisa que o Dr. Severiano receitou a algum carro que tinha falta de energia.

Uma injeção num eléctrico?!  
Já nos tem acontecido isso. Quantas vezes nos aparecem maçadores nos carros, que até nos obrigam a descer para fugirmos às suas injeções!

## Na sala de pensar

### Pensamentos fúnebres

Quando, num bar, às 2 ou 3 horas da manhã se fala mal de alguém e se levanta uma calúnia, é uma calúnia que se levanta tarde, e uma bar... baridade.

Se um dia tiveres uma Odette ou uma Geni não digas à tua mulher que pensas em comprar uma cama à francesa.

### Coisas sem loisas

Em Angola foram nomeados três negros para vereadores dum município qualquer. E' o que se pode chamar uma verdadeira câmara escura.

Além das copas das árvores, há outras que estão por cima das nossas cabeças, são as copas dos chapéus.



# NAS BOCAS DO MUNDO

## A Semana do Rádio

A Semana de Rádio esteve quasi tão fraca como o pêso chileno.

Agora, neste tempo de verão (verão apenas para o rádio, porque no resto é o que estão já vendo) o barulho salta por todos os lados como nas Repúblicas Sul-Americanas. Quem vai dando o corpo ao manifesto, são os amadores das extra-curtas, que passam meses inteiros a pedir uns aos outros a pele do general (apel-générale).

A gente, se tem a infelicidade de possuir um aparelho captor destas ondas curtas, mais compridas que as outras, mal abre o condensador apanha logo com um *alloh!* nas trombas que fica meio gago. Depois espera... porque esperar é uma das enormíssimas virtudes radiófilas. Daí a cinco minutos, em vez dum *alloh*, ouve dois *alloh!* e—daqui um D A que fala, ou um Ka G<sup>ué</sup> que passa à sua escuta.

E levam nisto uma noite inteira a chamar uns pelos outros e a dizerem para ali uma chuva de iniciais que até causa vertigens. Damos, em seguida, a relação das designações de algumas emissoras.

1 X. P. (Xispe)

0 K. H. 1

etc., etc.

A gente chega a julgar que está numa aula de química, tantos são os enunciados.

Em seguida, quando se dá o milagroso acaso de serem ouvidos fora de casa dêles, ficam muito contentes, não deixam dormir mais ninguém, e no dia seguinte mandam uns cartões enormes, de pêsames, onde está gravado, além da fotografia do pôsto, o chamadouro por iniciais e aquela parte aonde foi mais longe.

Mal comparado, lembra o vôo das aves, que quando se soltam levam uma anilha nas canelas.

Há diversas categorias de emissores amadores, a saber:

- 1.º Os que não prestam.
- 2.º Os que usam o distintivo da rede dos emissores, mais por imitação que por emissão.
- 3.º Os que estão à espera do último pôsto já com televisão.
- 4.º Os que existem, mas que dizem pouca coisa; quasi não passam da *pele do general*.
- 5.º Os que fazem estilo.

E' Dêstes últimos que nós nos ocuparemos num dos próximos números da MARIA RITA, podendo desde já prometer algumas palestras verídicas e de sensação.

## Comentário da Semana

Mais uma vez foi cair nos braços do Laranjeira.

Há dias disse êle anunciando um dos prémios do concurso, com aquela voz que Deus lhe deu e que uma bronquite crónica lhe há-de tirar um dia, se Deus

quiser. «*Melas New York, com baguettes arranha céus*» Ora nós podemos concordar em absoluto com o nome *New York* a dar a uma espécie de meias qualquer. Já lá diz o outro speaker:

Uma perna boa e uma meia boa, ora essa é boa. Bem sabemos que em virtude da lei sêca ficarão as pernas de quem usar tais meias, mais ossudas. Mas enfim, isto passa porque os húmidos hão-de chegar a aparecer.

Agora o que nós não podemos deixar passar sem uma forte objecção, e isto à falta de objectiva, é as tais baguettes de arranha céus.

Sabemos de sobra que as baguettes são de subir, e são tão afiadas que podem arranhar!

Mas, ó céus, não haverá aqui letra a mais, o Laranjeira?

## PERFIS DO PORTO

X



O Dr. Dias Tavares, que por causa de um livro de mortalhas, deu com a caixa do tabaco na Rua de Malmerendas.

# A VIDA E A MORTE

X

## A GUERRA



### O MILHO

O milho é uma planta da família das crucíferas. E dizemos assim porque hoje em dia, é uma cruz o arranjar-se algum milho. Também se pode dar um trombas; neste caso um milho parece que cai do céu, porque faz ver as estrêlas.

Tem raiz, caule e fôlhas, e o seu fruto é uma espiga. Usa bandeira como os escoteiros, e quando sai rei, fica vermelho como um republicano.

O primeiro é dos pardais, porque os lavradores não os podem matar a todos.

Usa barbas como um marujo aposentado e segundo me consta nunca as teve de pôr de mólho.

É classificado na família dos cereais porque é uma planta séria, e para o fabricar levanta-se um padeiro à meia-noite.

### A "Maria Rita" aclamada em Vizela

O pessoal da casa Lelo & Irmão, rapaziada franca e sábia, desempoeirada e alegre, que sabe trabalhar e divertir-se, fez uma estadia duma semana em Vizela, conquistando as simpatias de todos os vizelenses, pela linha de aprumo moral e esmerada correção, que mantiveram durante os escassos dias que descansaram nas afamadas e formosas termas.

Na véspera da despedida, os rapazes tiveram a amabilidade de vir saudar a MARIA RITA, na pessoa do director mais neutra e calvo, que se encontrava num dos suntuosos Palacos da simpática Vila — o «Claridg's Garrido Astória».

Com uma charanga improvisada de quarenta professores de bombo e assobio, e trazendo um número da MARIA RITA, espetado num mastro, à guisa de estandarte, a delegação dos nossos camaradas das Artes Gráficas, aclamou entusiasticamente o semanário detentor do humorismo nacional.

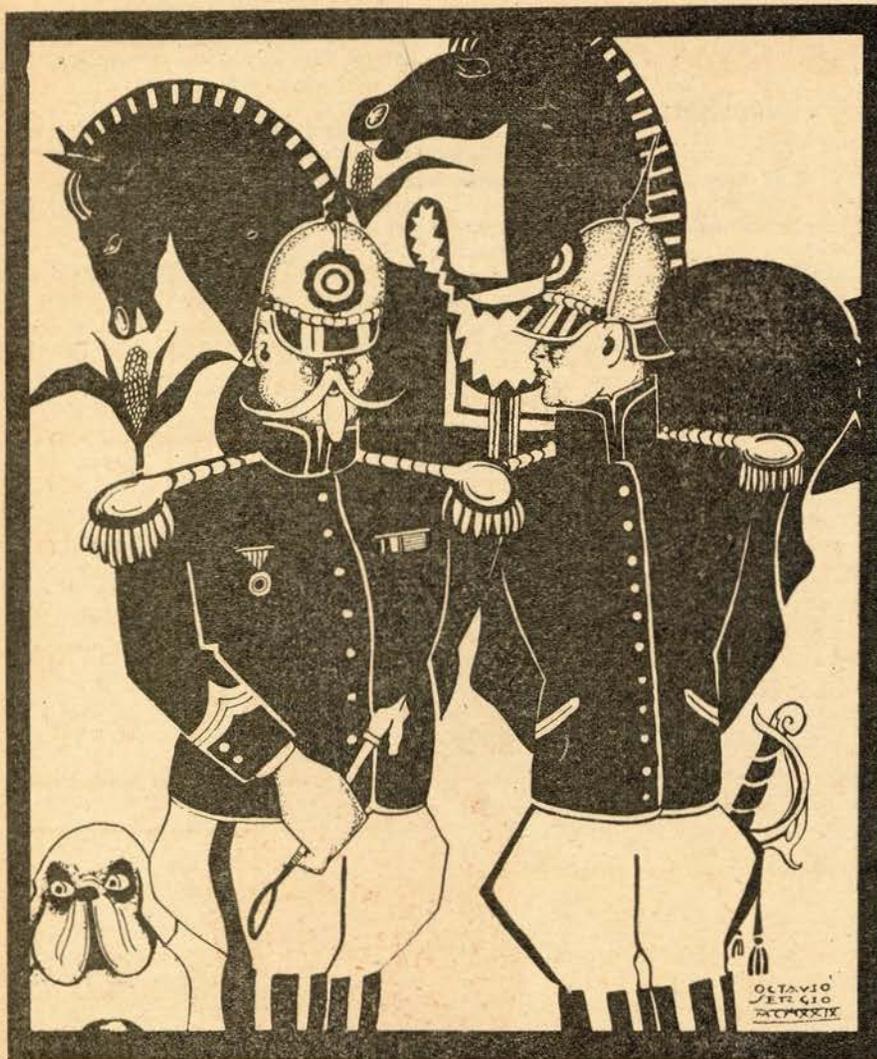
A MARIA RITA chegou a desmaiar com a emoção e a alegria!

No jantar de despedida, um das compinchas, leu dez espirituosas quintilhas, das quais publicamos a última

Adeus, Vizela adorada,  
Saúdosos vamos partir,  
Deixar-te em paz socegada,  
Entre as flores, a sorrir,  
Como noiva, envergonhada.

Vizela chorou de saúdades ao vê-la partir, e ansiosa espera uma nova visita.

Simpática rapaziada!



Fazem a guerra por causa da paz

SALÃO SILVA PORTO

## OCTÁVIO SÉRGIO

SENHOR EXPOSTO  
PELA UNDÉCIMA VEZ

Oleo, aguarela, carvão e sanguínea. Um encantador estendal de pequenas maravilhas, — desde a caricatura que nos põe arrepios de vergonha da nossa fealdade, até ao retrato expressivo, cheio de verdade e ao qual só falta falar...

Positivamente, o nosso querido companheiro de trabalho trepou, pela undécima vez, até ao pináculo do nosso aplauso. Não desfazendo, Octávio Sérgio tem carradas de talento.

...E aí está, senhores, a razão que levou a MARIA RITA a abrir-lhe os braços, chamando-o ao seu farto seio...

### Posta restante

**Ivo Magano** — (Pôrto) — Como deve interessar aos devotos de santo Huberto, a prosa sai no próximo número.

**Zoroastro** — (Leiria) — As quadras são pé quebrado de maís. Tenha paciência. Teime, conte as sílabas — e uma casa às suas ordens.

**Miguel Neves** — (Benguela) — A sua colaboração é preciosíssima. Muito grata, a MARIA RITA, põe tôda a gazeta às suas ordens.

**Armação** — Vende-se em estado de nova. Motivô de retirada por desgostos de família.

Pode-se ser orador e falar durante 22 horas; pode-se ser gramofone e tocar durante três dias e três noites; mas não se pode ser melão sem que o façam calar imediatamente.

# Uma questão nacional

O povo de Gaia anda intrigado.— Gravíssimas afirmações

: : : : : sem conseqüências de maior : : : : :

Senhores: fiquem sabendo de uma vez para sempre: a MARIA RITA não dorme. E quando lhe sucede passar pelo sono, faz de conta que o não conhece. Além disso fica sempre com um olho aberto, não vá dar-se o caso de ser apanhada em flagrante delicto.

Foi por isso que ontem, já ia alta a lua e o Douro era sereno, lhe foi entregue por um sereno o seguinte telegrama:

*PEROZINHO-GAIA—às Zero horas menos um quarto. Grande conflito entre gente grande cá da terra, causa próxima nova ortografia.*

## Levanta-se a celeuma a horas mortas

Claro está que a MARIA RITA não pensou mais em descansar as pestanas. O que fez, foi introduzir-se num auto e dirigir-se para a risonha localidade do vizinho concelho onde adregou de cair pela primeira vez um balão com uma mulher dentro.

Chegou lá e viu tudo.

No largo principal da terra não havia ninguém. Mas sentia-se no ar um cheiro a acontecimento ruído.

O nosso solícito correspondente esperava-nos absolutamente disfarçado. Demos a senha e fomos reconhecidos.

## Antecedentes lamentáveis

Fomos por êle informado de que, já há algum tempo se vinha travando uma seria questão entre a gente grada da terra com respeito à etimologia da palavra *Perozinho*. Queriam uns que fosse com *o* e outros que fosse com *u*. De princípio limitou-se a coisa a uma discussão mais ou menos acalorada nos pontos de reunião da terra; mas ultimamente, porque um habitante mais estudioso se convencesse, que tinha achado a verdadeira origem da palavra, a questão tomou um vulto de tal forma que já chegou a haver pancadaria.

## A MARIA RITA procura a razão do "o" fechado ou o motivo do "u" aberto

Levados pela mão do nosso amigo fomos batendo de porta em porta.

O farmacêutico que é pelo *o* fechado, declarou-nos muito positivamente:

— Perozinho tem de escrever-se com *o*. Vem de péro, masculino de pera, e do diminutivo *zinho* que dá um sabor mais doce ao péro. Portanto, *o* éle que disser que é com *u* aberto, tem os olhos fechados.

## Fomos indo e fomos entrevistando

Já o sr. do Registo Civil, não diz a mesma coisa porque é da facção contrária. Ouçamo-lo.

— Parece impossível que a MARIA RITA não saiba donde vem a palavra Perozinho. Carrego no *u* propositadamente, para que a palavra saia mais sonora. Pois esta palavra vem nada menos, nada mais que de peru, essa ave palmipede que voa para a mesa na noite de Natal. Bem sei que foi um peru pequenino que lhe deu o nome, e por isso me exalto quando ouço dizer o contrário ao boticário, que é capaz de escrever pílulas com *o* só para dar razão à sua teima.

## Outra opinião autorizada

E' sem dúvida a do regedor da terra. Recebeu-nos na sua secretaria paroquial, absolutamente compenetrado da sua autoridade no assunto:

— Perozinho, meus senhores, não vem nem de pero-fruta, nem de péru-ave. Vem nem mais nem menos que da Espanha. Os meus conhecimentos de história pátria dizem-me que em 1592, se estabeleceu aqui um casal de galegos com uma loja de fósforos de espera galego. Estes carnívoros tinham o feiíssimo costume de trocar o nome a tudo. E assim em lugar de dizerem *mas*, diziam *pêro*. O resultado foi passarem a chamar-lhe os *pêros* e a corrupção fez o resto, porque hoje em dia a corrupção campeia. E' pois com *o* fechado que se deve escrever o nome da nossa freguesia.

## Uma retirada a tempo

Depois disto a MARIA RITA pôs-se a andar, e fê-lo a tempo, porque acto contínuo saíam de muitas casas os partidários de cada grupo, engalfinhan-

do-se com uma gritaria dos demónios onde predominavam os olhos fechados e as cabeças abertas.

## Aceitam-se opiniões de toda a espécie

A-pesar disso prometemos a nós mesmo não descurar tão momentoso assunto. Consultamos já acêrca dêste problema vital a Douta Academia das Ciências pedindo ao seu ilustre Presidente que nos forneça um completo relatório acêrca dêle. Além disso rogamos a todos os nossos ilustres leitores que porventura conhecem a etimologia do *u* aberto ou a razão do *o* fechado o favor de nos elucidarem para que desta forma evitemos uma transfusão de sangue.

## Conhecem o

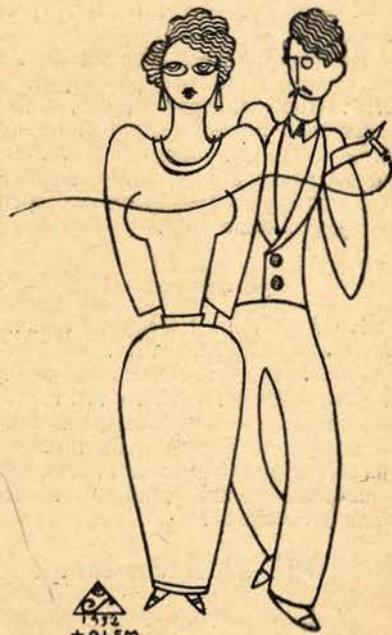
## Bastos Monteiro?

É o inspector de Seguros de Vida da Companhia de Seguros

"COMÉRCIO E INDÚSTRIA,"

Largo dos Lois, 92 — PORTO

## Sinceridade



1932  
+ALEM

Êle — Incomoda-a o fumar?

Ela — Oh! de maneira nenhuma.

O que me incomoda é o fumador.

# CASCATAS RAMALHOS



O Sr. Dr. Lopes Carneiro olhava para os foguetes... como se fossem perdizes.

S. João, — aquele engraçadíssimo mancebo de carneiro com batatas e bandeirinha em riste, — foi ante-ontem festejado, iluminado, cantado, bebido e mastigado heroicamente pela rapaziada de ambos os sexos cá do burgo.

E aquilo é que foi divertir, caramba!

Rusgas, cascatas, foguetes de resposta paga, o clássico pão quente de serrim com manteiga de cacau, o managerico todo repolhudo, o pornográfico alho — e o terceiro estado, num dito lastimoso, rouco, sujo, esfarrapado, famélico, a barregar como quem se despede das agruras desta vida:

Ó piassá!  
Ó piassá, como estás tu?

No Anjo e no Bolhão, um encanto. Nas Fontainhas, um delírio.

Terpsicore, — a conceituada madrinha do nosso coreográfico V. Pinto, — descera sobre esses pares duma noite, idílios que se esquecem num acasalamento que principia às zero-horas, num entusiasmo, e acaba quando o sol nasce, numa bebedeira...

## MARIA RITA em campo

Escusado será dizer que MARIA RITA deambulou por essas ruas, becos, calçadas e vielas, colhendo impressões da noite gloriosa. E metendo o nariz em todas as cascatas e em todos os grupos de bailarinos, quis perscrutar

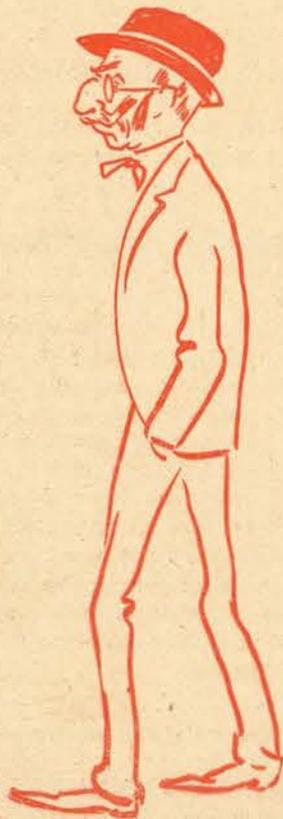
os efeitos dessas horas felizes em que a pândega se rasga até ficar em farrapos...

D. Maria Feijo, poetisa insigne e senhora de letras jamais protestadas, alma até Almeida em questões de caridade bem ordenada no farto úbere alheio, — sente-se feliz nesta noite metrificada pelo Povo.

— E' uma noite que me emociona profundamente, creia, D. MARIA RITA. E se eu não andasse absorvida pela factura dum grande álbum ilustrado da indústria portuguesa de conservas, cujo produto sólido e líquido reverte a favor dos netos dos soldados da guerra da Patuleia, — cantaria, esta noite, com o Povo a alegria de espalhar o bem sem maçar ninguém!...

Adoravelmente diplomático, simpático e hepático, o sr. Ramalho Ortigão um dos membros mais viris dos «Zaragateiros» do Gerês, diz-nos:

— Sim, minha excelente amiga. Esta



O Sr. Ramalho Ortigão, Eleóleo ou Ele é barro?

## A propósito doite de S. João Falam cascatas, ramalhos e carneiros

noite não pertence exclusivamente às cascatas: E' também dos Ramalhos. Pois então?

A fim de evitar-mos uma conflagração com o Panamá e outros chapéus de palha, concordamos. E o sr. Honório de Lima, também zaragateiro e cinéfilo, afável e nababo, manifestou a sua paixão pelo divertido santo, informando-nos:

— S. João é o meu santo, por ser o patrono do meu teatro, — hoje o primeiro cinema do Porto, frequentado por madame Juvência da Purificação, Condessa do Papagaio Louro, Viscondessa do Chispe com Ervilhas, — etc., etc., e mais pertencentes...

A formosíssima Re-benta, emerge, de repente, do seu quiosque adorável, onde, em vez de trocos, há pratos e ranger de dentes.

— Cascata? Oh! Não! A minha graça nunca envelhece, — e não há transeunte que resista às modulações simpáticas da minha voz de ouro...

E, com um gesto trágico, desganhado e ortodoxo:

— Cascata? Oh! Não!

Mais adiante, tropeça a nossa bisbilhotice com uma outra Cascata, aristocrática e imponente. Avançamos até isolar. E ela, com um gesto imponente, obriga-nos a uma retirada estratégica com estes simples versos:

— Já viste um grilo enxofrado  
c'outro grilo a discutir?

Concluimos a quadra:

— Mas vi, atrás dum Valado,  
uma grila a rir, a rir!

Mestre S. João usa um carneiro desde nascença, — bicho muito bem educado e acessível. E' lógico, portanto, que todos os carneiros do burgo rejubilem...

O nosso querido amigo Dr. Lopes Carneiro, integérrimo caçador de feras mansas e coelhos bravos, palestra com o Tavares Valente e respectiva espingarda.

— Esta noite é quasi minha, porque os Carneiros adoram o S. João. E' certo que nesta data é que eles se comem. Mas, como diziam os latinos: O homem é o carneiro do homem.

Tavares Valente, debalão no ar, chamava-o para as lides venatórias:

Orvalhadas  
com pandeiros e violinos,  
vamos à caça dos gambuzinos!

E' o Romão Gonçalves quem nos fala, abrindo a boca num dó maior do que um sol natural.

— Tenho muitas saudades do meu tempo. Antigamente o S. João era pequeno para conter a minha voz. As orvalhadas vão ser cantadas em inglês e as orvalhadas em alemão.

E quando o S. João for um circo, tenho esperanças de poder lá montar o meu estabelecimento de ilusionismo



Romão Gonçalves, o tenor e mavioso atleta, aproveitou mais uma vez para reclamar o Romanini.

que agora uso. Quere ver? Este licor Romanini serve para tudo, até para fazer refrescos nas Fontainhas. Oxalá que não chova se Deus quiser.

E lá se foi com um arcoço capaz de comer dois carneiros.

A Caminho da morgue, salvo seja! Fomos introduzidos sem o devido passaporte e dirigimo-nos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Pires de Lima:

— Anatômicamente falando, — principiou o ilustre professor — a noite de S. João, dá muitos casos fatais. Sobre tudo carneiros; estes animais dão o corpo ao manifesto nestas noites, que é um louvar a Deus. Aqui, na morgue, porém, é raro aparecer algum. As noitadas de S. João, cientificamente falando, teem pouco interesse. S. João, de resto, era uma anomalia. Admite-se lá que alguém, nos tempos que vão correndo, fizesse uma fonte de prata, e com o frio que faz se pusesse a suar em bica. Adeus. E' um caso que eu hei de estudar.

Os eléctricos trabalham toda a noite?

Era uma das coisas que mais nos preocupava. Para onde moramos não há desses animais; mas enfim, somos tripeiros e gostamos que todos se divirtam. E no meio de todas as rusgas sempre há meia dúzia que vão parar à



O anatomopatologista Pires de Lima andou toda a noite pelas Fontainhas a cantar:

«Olha o balão!  
Olha o bolãozinho».



O Sr. Silvino de Magalhães depois do banho das Fontainhas espera o primeiro eléctrico para casa.

Ponte da Pedra, Rio Tinto ou à Tibúrcia. A incerteza de não sabermos se haveria eléctricos durante toda a noite de S. João arrelivava-nos. Valeu-nos a eterna amabilidade do sr. Silvino de Magalhães, graduado chefe da Carris.

— Pois claro — respondeu-nos S. Ex.<sup>a</sup>. — E este ano então, para completo gáudio do público, vamos estabelecer um serviço combinado. Haverá eléctricos-padarias; eléctricos-manteigarias; carros de refrescos eléctricos e carros-eléctricos de propósito para a venda do alho e dos mangericos. Todos os eléctricos serão embandeirados com ramalhos e com balões. Já contratamos o Dr. António Ramalho para andar num toda a noite. Para a linha 7 destacamos o sr. Manuel Ramalho...

— Aquele que canta muito bem a ladainha de Fátima? — interrompemos.

— Não me fale em canto. E' o meu fraco. Não sabe que eu tenho uma casa de músicas na Galeria de Paris, e que hoje ninguém compra disso...



## As provas de domingo

Muitas vezes um nome não passa de um paradoxo, eis a questão.

O Benfica, ficou muitíssimo mal, perdendo o primeiro desafio no seu campo, com o seu "carinhoso" público, a jogar tanto como o seu grupo.

Mas o *Pôrto*, habituado já, a essas manifestações de carinho, fêz, e muito bem, ouvidos de mercador, tratando sòmente de olhar pró marcador.

Infelizmente para êle, só teve ôlho; porque jôgo foi coisa que não demonstrou. Antigamente, no tempo dos Magriços e D. Fuas, tinham os portugueses por costume brilhar em terras estranhas; agora parece que é o contrário e todos lêem por aquela cartilha que diz assim:

Quando passares à minha porta,  
Asserreio-te as galinhas.

Verdade seja que presentemente também as assistências desconcertam. E só por essa razão, MARIA RITA apresenta os parabens a todos os componentes da equipe nortenha, esperando que ela saiba fazer das *tripas* campeão.

E até Domingo...

E' verdade: o árbitro saú do campo abraçado... a dois guardas republicanos, e ainda assim mesmo provou da pastilha.

### Salgueiros-Espinho

Domingo, o Salgueiros passou maus bocados, devido a picadelas de *espinhos*, que de rosas tinham pouco.

Perdeu, não pelo jôgo, mas sim por causa daquela cantiga:

Na vida de um jogador,  
Há sempre um homem que passa.

E êsse homem tinha figura de árbitro, e agora já não tem, porque... porque no foot-ball é sempre assim.

Volta meia volta, considera-se a gente. Houve jogadores magoados, estatelados, abespinhados e ensalgueirados, mas não houve desastres pessoais a lamentar.

### Atletismo

Uf!... E' assim que se diz quando uma coisa demora muito tempo!

Até que enfim acabaram os campeonatos de atletismo cá no burgo. Aí ficam os resultados:

Académico em primeiro lugar na

classificação geral. E' a única coisa que êste acadêmico estudou. No resto ficou reprovado, a-pesar-de ir para o exame de *luvas pretas*.

Depois, o Sport Club, que nestes torneios bem se podia chamar Azar Club do Pôrto. De nada lhe valeu o orfeão palmatório.

E por último o *Pôrto* que deu uma amostra do que poderá ser quando tomarem aquilo a sério.

### Circuito de Vila Real

Uma coisa pasmosa, êste circuito. Os concorrentes agora dizem que não passou dum curto circuito. E o Leherfeld entendeu que depois de ter reptado os corredores do Norte, devia ser raptado para não comparecer. O volante é como a guitarra: quem tem unhas é que toca, e aquilo tinha mais curvas do que uma mulher bonita!...

Concorreram todos os carros disponíveis do *Sameiro*, alguns de Braga e um da *Invicta*.

Como não podia deixar de ser ganhou o *Invicta*, senão deixava de o ser. O carburante era da marca *Laranja* e *cidrália*.

Houve apenas dois desastres carruais. Além do susto dos tripulantes apenas umas amassadelas. O Marinho estava deslocado porque foi correr para a serra.

### Festival Náutico

Êste festival que estava anunciado para a bacia de Leixões foi adiado à última hora em virtude da chuva. Deixamos aqui lavrado o nosso protesto, porque não podemos concordar que se adie um festival aquático por haver água de mais. Para a próxima vez hão-de fazê-lo numa banheira e dentro de casa.

ZECA.



### O HERODES

O Herodes foi um antigo rei, que tinha a mesma cisma de muitos solteiros de agora: não gostava de crianças.

Mas verdade, verdadinha: a gente tem de confessar que êle tinha as suas razões para não gostar de crianças. Umás, quando a gente lhe diz para fazerem uma gracinha, põe a língua de fora; outras fazem cada pergunta que não há ninguém que responda, e outras então deixam-nos as calças em mísero estado.

Foi por isso que o Herodes, que desde pequenino demonstrava uma inclinação natural para cortar pescoços —destroçava as bonecas tôdas— quando chegou a grande, essa inclinação foi-se tornando em cisma:

Criança que apanhasse era certo e sabido que a mandava depenar.

Um dia o Herodes foi informado por um polícia secreto, que no seu reino vivia uma criança tão esperta que, sem ter doença nenhuma atrapalhava os doutores.

Mandou-a procurar pelos seus esbirros, mas ninguém conseguiu encontrá-la. Foi então que, de acôrdo com o Al Capone, mandou matar as criancinhas tôdas. A esta matança ficou o nome de Matança dos Cristãos Novos porque era a Cristo que Herodes procurava. Felizmente não conseguiu o seu intempestivo intento porque o *Jornal de Notícias* deu a notícia a tempo.

E desta maneira, Herodes, foi burlado porque as mãis

Que o som terrível escuitaram  
contra o peito os filhinhos estreitaram

Depois disto tôda a gente moíava do malvado, e as cançonetas da época meteram-no a ridículo. Ainda hoje o gôsto popular trauteia uma que começa assim:

O' Herodes...

### Concurso "Maria Rita,, e "Civilização.

#### Na Feira do Livro

Temos a satisfação de comunicar aos nossos apreciados leitores que foi entregue no último Sábado, o primeiro aparelho, dos três sorteados no Stand n.º 16 da Feira do Livro.

Foi entregue, mediante recibo que temos em nosso poder, ao sr. Alferes de Infantaria 18, António Rodrigues da Graça, que assim ficou com um aparelho de graça, sorteado por um jornal do mesmo género.

Era possuídor da *senha* n.º 21 e ficou possuindo também o esplêndido aparelho da marca *Lumofone* que a casa *Rádio Pôrto* gentilmente ofereceu para êste fim. Parabens,

# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

Ontem, por acaso, estive no Casino do Estoril. Na sala de jogo, que é linda, encontrei o Joaquim, outro amigo meu que casou há uns sete anos e é pai de quatro filhos.

Com grande surpresa minha, acompanhava-o uma senhora loira; ou melhor, uma loira, visto que de senhora não tinha nada.

Em certa altura, quando andávamos a passear dois cigarros, censurei-lhe brandamente a aventura, com a amizade e a intimidade, tanto de temer, que fazem com que em certos momentos os amigos íntimos nos pareçam odiosos.

Ele encolheu os ombros, mudo. E quando eu lhe disse: — «tu, pai de quatro filhos!...» — respondeu-me com esta frase profunda, profunda sobretudo numa sala de jogo: —

«O amor é como uma nota de cento. Esvai-se quando se troca em muidos...»

Embatuquei.

Fundou-se em Lisboa uma companhia de filmes sonoros. Chama-se Companhia Portuguesa. E o nome dessa Companhia Portuguesa é... Tobis Klangfilm. A-pesar-de eu não ser nada cinéfilo, e de só apreciar, no Cinéfilo, as críticas teatrais de Avelino de Almeida, quero saudar muito sinceramente o advento da nova Empresa, que tem elementos capazes de trabalharem «à ufa». Deixa-me só lamentar que a nova Empresa, a primeira empresa portuguesa do género, escolhesse um nome que faria arrepiar o Cândido de Figueiredo... E aqui entre nós, diga-se, por ser verdade, que a nova Empresa começa por um inocente carapetao. Ela não é a primeira. A primeira foi a falecida Carbonaria; fartou-se de fazer «fitas»; geralmente policiais, sonoras, e muito faladas. Lembras-te?

Continua a balbúrdia no Chile. O coronel Marmaduke Grove (parece o nome de uma companhia de filmes sonoros... chilena) destituiu hoje, é destituído amanhã, torna a destituir no dia seguinte.

Os presidentes depostos arrebitam todos as orelhas que teem; e nós bem sabemos, MARIA RITA, que um presidente deposto é todo ouvido... As Juntas Revolucionárias multiplicam-se como cogumelos, dividem-se, e acabam por subtrair-se a custo às iras da população. Avançam cruzadores ingleses para protegerem os súditos britânicos (o que é sempre um balde de água fria nas efervescências colectivas...) As agências saltam asas à mentirola, comendo a dois carrinhos: — a notícia falsa, e o desmentido verdadeiro.

Enfim: — parece tal e qual um regresso à normalidade constitucional.

Tem havido semanas de isto, semanas daquilo, semanas de quási tudo.

Numa destas «semanas», cujo fim era mais directamente caritativo, (não me refiro à Semana

do Livro, com a 2.<sup>a</sup> Feira do mesmo) senti um ímpeto de bondade que me enterneceu.

Lembro-me bem. Sai de casa, e, embora não fôsse para longe, meti-me no eléctrico: — cinco tostões. Ao sair da visita a que ia, comprei dois massos de cigarros e uma caixa de fósforos: — 3\$80. Pouco adiante, vi gravatas numa mostra e lembrei-me de que andava justamente mal de gravatas; entrei, apeteceu-me uma de 50, mas como sou económico limitei a minha sede de elegância a uma tira de seda, provavelmente vegetal, que me levou 26 escudos. Meti-me no outro carro, e fui até à Baixa; encontrei o Mota, que não via há tanto; reboquei-o para um café, e fi-lo beber, e bebi, porcarrias que me custaram 4\$50, (com gorgeta e tudo). Demorei-me à conversa mais do que esperava; quando voava do café, vi à porta uma velha mendiga, com um ar muito triste, muito cansado, muito doente. Parei, a-pesar-da pressa que levava, e num impulso de pena, superior a mim, tirei do bolso 2 escudos, e dei-lhos. A seguir meti-me num *taxi*, porque tínhamos gente a jantar, e era um escândalo chegar tarde a casa.

Todo o caminho, no *taxi*, (que me custou 7 escudos) confesso-te que vim a pensar com orgulho no meu gesto, e em mim. Fumo cigarros baratos, não ando com os amigos pelos cafés que metem a unha, domino as tentações de elegância que ultrapassam o meu orçamento; — e tenho tão bom coração, que ao ver no meu caminho uma miséria sem amparo, sou capaz de cortar o vó à minha pressa e arrancar ao meu bolso uma esmola choruda. Que diabo! Nem todos fariam.

Foi só pela noite adiante, ao deitar-me, que eu pensei de novo, e sob outro prisma, na minha tarde.

Somei, mentalmente, o que gastei comigo, para mim, por mim... 41\$80, salvo erro; (tira tu a prova real). Sem pensar, sem me supor um perdulário, e antes julgando-me com benevolência, por não ser extravagante, a minha pessoa mereceu-me quarenta escudos, numa tarde pacata de vida lisboeta. Outra pessoa, a pessoa pobre e triste que me moveu, mereceu-me, exactamente a vigésima parte. E envaideceu-me essa vigésima parte, essa esmola choruda que me deu, a mim próprio, certo orgulho de generosidade contente.

Eu podia, no fim de contas, deixar de fumar, dispensar uma gravata, conversar com um amigo a uma esquina, e não tomar o *taxi*. Tudo o que me pareceu natural, e, mais do que natural, indispensável para mim — era indispensável, apenas, a este egoísmo de nós todos, mais feroz quanto mais alheio a conhecer-se.

Se fôsse possível organizar *A Semana dos Outros*, isto é, uma semana em que cada um de nós desse aos outros o que gasta consigo e ficasse apenas com o que lhes dá — extinguiu-se a miséria em Portugal.

Mas a caridade moderna é um impulso como o que eu tive, à saída daquele café. Seria loucura pedir-lhe para durar oito dias.

Dispõe sempre do

## O MOMENTO QUE PASSA

E agora que mais há-de ser?

O que vai por êsse mundo além, Deus do céu e das revoluções!

O Chile zangou-se com os outros chapéus e principiou à taponar ao côco, ao mazantini, ao boné, aos outros palhinhas, às boinas e às cartolas! Estas, então, foram as que mais amassadelas levaram. Parece-nos que as cartolas, no Chile, nunca mais farão figura.

\*  
\* \*

Na Alemanha governa o Von Papen e na Grécia demitiu-se o Papa... nascitório.

E' a religião a meter-se na política. Papa em Roma, Papa na Grécia, Papen na Alemanha... Tudo Papas!

Até na Rússia! Mas na Rússia não é Papa. E' muito mais. E' o Papão!



## PRATA DA CASA

### Efeitos da seca

N'aquele ano pavoroso  
Em que o solo, sequioso,  
Não provou amostra d'água;  
Em que as verduras secaram,  
E as pastagens ficaram  
Uma dor d'alma, uma mágoa.

Desolado, vendo a terra  
Tão morta, como se a guerra  
Ali tivesse acampado,  
Dizia o Zé Malaquias,  
A olhar, num d'esses dias,  
Para o sêco descampado:

— Tôda a hortaliça secou,  
Nem um fruto se vingou,  
Com êste sol de rachar!  
Por mais que eu olhe em redor,  
Só a aridez, só a dor,  
Vem ferir o meu olhar!

Fica-me, n'esta fornalha,  
Um sêco e vil azevém  
Que o próprio gado mal come.  
Ah! Se não fôsse esta palha,  
Durante o ano que vem  
Bem eu morria de fome!

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Dr. KNOX.

Mais glosas recebidas para o mote :

*O meu amor fecha os olhos,  
Quando lhe falo de amor...*

Se eu tivesse graça aos molhos  
Como a MARIA RITA  
Fazia rir com a fita,  
*O meu amor fecha os olhos.*  
Mas no imenso mar de escolhos  
Onde só impera a dor  
Diz-me com todo o pudor:  
Não me faças sofrer tanto  
Se não desfaço-me em pranto  
*Quando me falas de amor!*

**Fernandito AINOLOP.**

Por não sentir os abrolhos  
Que a porca da vida tem,  
Se lhe nego « uma de cem »  
*O meu amor fecha os olhos.*  
Enche-me a vida de escolhos,  
Transformando-a num horror:  
Essa mulher sem pudor,  
Que em maldades nunca pára,  
Fecha-me a porta na cara,  
*Quando lhe falo de amor...*

(Anadia).

**MACOPIN.**

O meu amor usa folhos,  
O meu amor traz sapatos,  
O meu amor tem flatos  
*O meu amor fecha os olhos.*  
O meu amor tem dois molhos  
De carqueja tôda em flor;  
O meu amor tem calor;  
E com medo dos catraios  
O meu amor tem desmaios  
*Quando lhe falo de amor.*

(Aveiro).

**OLEGNA.**

Com o S. João, os Poetas, exaustos, adormeceram.  
Aí vai mote novo em fôlha:

*S. Pedro - vem no jornal, —  
Vai comprar um capachinho!*

A

## Adega Ideal do Lavrador

É a adega ideal do apreciador de bons vinhos

Vendas nas seguintes filiais:

Rua do Bomjardim, 361 e 363 (Esq. da Trav. de Lioeiros). Telef. 5617.  
Rua das Fontainhas, 193 e 195.  
Rua do Teatro S. João (Vulgo Cima de Vila).  
Rua Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam).  
Telef. 5302.  
Rua da Constituição, 1395.  
Rua de S. Roque da Lameira, 2785.  
Avenida Fernão de Magalhães, 53 e 55. Telef. 2484.  
Largo Campo Mártires da Pátria, 54 e 55 (Vulgo Cordoaria).  
Largo Maternidade Júlio Dinis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).  
Travessa da Banhoaria, 21 e 26 (Esq. da Rua dos Mercadores). Telef. 905.  
Rua Anselmo Brancamp, 633.  
Largo de S. Pedro de Miragãa, 5 e 7.

**Na FOZ** — Rua da Senhora da Luz, 238 e 242. Telef. 314 — FOZ.  
**Em MATOZINHOS** — Rua Conde S. Salvador, 71 e 73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 2 5 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos, a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA de vinho autêntico velho do Pôrto!

## O recolhimento das sopeiras e a conversão das sopeirinhas

«A força duma lei é, muitas vezes, o desfazer de sonhos de grandeza culinária». — VOLTAIRE

*Dura lex, sed lex* o que quer dizer na língua do Virgílio que era um conquistador desesperado, que a gente mesmo que tenha sêde tem de beber do que a lei quiser.

Não mentimos. E através de tôdas as concumitâncias estamos sempre disposto a atravessar os Pirineus da voz pública.

### O que eram as sopeiras

As *sopeiras*, meus senhores e lindíssimas consortes, não são como parecem, aqueles seres viventes que dantes nos faziam e desmanchavam as camas, despejavam os bolsos e outros apetrechos do quarto de cama, que nos faziam o mísero jantar insosso e a vida amarga, e que saíam antigamente de quinze em quinze dias, e agora vão às matinées do Aguiá d'Ouro, levando consigo um desempregado. Coitadinhas!

Não senhor. As sopeiras são os títulos dum empréstimo que a ignominiosa monarquia deitou lá para dentro em 1889, do formidável valor de 25\$000 reis.

E as *sopeirinhas*, não são também como poderão conjecturar, aquelas magníficas andorinhas que saltitam quasi sempre por casa dos outros, como a sorte grande, de vestidos e olhos muito pretos, e aventais e rostos muito brancos.

Não! Não são as possuidoras duns vermelhos lábios que dizem que estão em casa de *família* de tratamento, e nos tratam muito mal, que vão ver se o patrão saíu quando sabem muito bem que êle está em casa, e nos deixam ficar à porta, à chuva, por causa de lhes não roubarmos os guarda-chuvas.

Não! As *sopeirinhas* são outras acções maiores que foram emitidas em 1905 pela importante quantia de 9\$000 reis. (E' pela única coisa que eu tenho saúdes dos reis).

### O que foi feito delas

Pois umas e outras foram durante muito tempo o enlêvo dos afilhados de gente rica e das verdadeiras sopeiras e concumitantes *inhas*. Davam o importantíssimo juro de 240 reis, umas e sete e meio outras. Pois assim mesmo, não faltou quem enganasse muita sopeira, prometendo-lhe duas *sopeirinhas!*

Mas um dia caiu sôbre estas desgraçadas a célebre desvalorização que transformou os marcos em papel de W. C. e levou o real a valer 30 centavos.

A êste tempo começaram as verdadeiras sopeiras a pedir aumento de ordenado, comida a horas, e um guita de sentinela permanente. As sopeirinhas então, pediram um estudante de medicina pelo menos, e acharam que o teatro de portas a dentro era uma boa porta de saída para a sua inclinação. E elas que eram até então incapazes de corar, passaram a ser coristas.

### Eis a razão

Devia ser por isto que os fundos começaram a baixar. E mesmo com a moeda desvalorizada, tanto as *sopeiras* como as *inhas*, cairam de tal forma que a sua posição nas Bólsas de Lisboa e Pôrto, foi muito abaixo do par, chegou quasi ao Zero.

E ninguém pensou em levantar as sopeiras!... Quando a coisa começou a cheirar a esturro, e sobretudo quando as sopeirinhas chegaram a pecar de tal maneira que já ninguém dava nada pelas, tanta era já a dissolução de costumes, houve alguém que pensou na sua reabilitação.

### A conversão das sopeiras e o prémio de consolidação

Esse alguém que tem um nome de cozinha, resolveu fazer uma obra de caridade convertendo-as e submetendo-as a tôdas, a uma junta de crédito pública.

E agora temos tôdas as sopeiras e sopeirinhas acomodadas num outro empréstimo que se chama de consolidação.

400 sopeirinhas dão direito a um prémio de consolidação. Nós achamos muito; mas como não gostamos de meter com as leis, estamos em casa a fazer colecção delas para termos direito a um prémio.

A nossa mulher, que tem tido o cuidado de mudar de criada de quinta em quinze dias, já vai na centésima primeira.

A sopeira de cozinha também recolheu à cama por causa das saídas à quinta-feira.



Quem é?

E' lindo, não desfazendo.  
E' mesmo, mesmo um amor.  
Namorando e escrevendo,  
no peito sempre uma flor...

Numa paixão se desunha  
e em louca chama se abraça...  
Dizem que é a melhor *Cunha*  
quando uma paixão *arrasa*...

TROGLODITA.

Anexim

Job é pobre.  
Mal se cobre,  
dorme sobre  
tristes tábuas...  
Só tem mágoas,  
duras fráguas...

Mas cantando,  
vai sonhando  
e esp'rando  
sempre agora...

"....."  
....." (?)

ZEBEDEU.

Decifrações do último número: — *Anexim*:  
Quem porfia, mata caça —  
Decifradores: — Batráquio, Brancuras, Rei  
Banco, Cardial Mira, Oinotna.

Voltaire da Silva, livre pensador

Voltaire da Silva nasceu livre pensador e estrábico, motivo porque tóda a sua vida detestou os padres e olhou contra o governo. Os pais quiseram-no baptisar religiosamente, mas o petiz, a-pesar-de só ter dois meses, mal entrou no templo, começou aos morras à reacção e aos vivas ao registo civil, com tal ímpeto e entusiasmo que o padre caiu à pia da água benta, sendo preciso o sacristão envergar o escafrando da sotaina e ir pescar o reverendo com o apaga-velas da igreja.

Voltaire foi crescendo, e com êle cresceu também o seu liberalismo e o seu rancor pelos padres e a tudo que lhe cheirasse a religião, chegando a abandonar a casa do pai, só porque êste morava na rua do Rosário! Escusado será dizer que Voltaire alugou casa na rua da Liberdade.

Era levado de todos os diabos, o mata-fracos do Voltaire!...

Uma vez encontreio-o todo *chic*, de ponto em branco, casaca, sapato de verniz — um *dandy* perfeito.

— Onde é que você vai tão janota, amigo Voltaire?

Êle, com um sorriso pombalino, respondeu: — «Vou ali, ao Ildefonso, a casa do Paio, para irmos ao João».

Ora isto traduzido do livre pensamento para a religião católica, quere dizer o seguinte: — «Vou à rua Santo Ildefonso, a casa do Sampaio, para irmos ao teatro S. João».

O seu ódio padrofobo expandia-se, sobretudo, nos pratos com que se alimentava e nas lambarices com que matava a gula e a religião.

Todos os dias queria papas de ser-rabulho, e se elas apanhavam esturro, delirava de alegria — «Sim, senhor. Bela petisqueira! Papas com bispo!» — E zás! Era cada colherada capaz de fazer estre-mecer todos os paços episcopais e o Vaticano com os Inocências, os Pios e os Leões!

A' sobremesa atingia o auge da carnificina: *Toucinho do céu, papos de anjo, barrigas de freira, orelhas de abade*, tóda a doçura reaccionária mergulhava no esófago insaciável e voraz do nosso herói, num abrir e fechar de olhos. Olhos, não. Bôca é que se deve dizer.

Guardava para o fim meia dúzia de *Jesuitas*, que saboreava com prazer, olhando para aquele célebre quadro em que se vê o sr. Marquês de Pombal, sentado numa cadeira, com o braço estendido a imitar o Infante D. Henrique.

E era, certamente, devido à influên-cia do quadro, que Voltaire, após a

refeição, se levantava da mesa, e pegando num bocado de jornal, dizia: — Vou expulsar os jesuítas!

A suprema aspiração de Voltaire era alcançar um lugar elevado na loja maçónica de que era fervoroso irmão. Respirava por todos os membros o seu jacobinismo exaltado, para vêr se um dia o guindavam ao grau 33.

Grau 33! A felicidade apetecida! A suprema ventura! O sonho dourado de tóda a sua existência!

Mas não havia maneira de o conseguir. Os *irmãos* eram uns ingratos e o Supremo Arquitecto não lhe fazia a vontade.

Voltaire ia casar com uma senhora espanhola. Na véspera chegaram de Madrid os seus futuros sogros. A pequena apresentou-lhos: — *Mi padre! Mi madre!*

Ainda não tinha deitado o resto da *madre* pela bôca fora, e já o Voltaire, nervoso, indignado e apoplético, desatava à taponar aos progenitores da que havia de ser sua mulher. — «Um Padre? Uma Madre? Eu quero lá dessa tropa na minha família!» — vociferava o apóstolo das escolas laicas.

No fim da refrega, via-se o *padre* com a cabeça rachada e a *madre* caída... por terra com as costelas amolgadas. Fugido à polícia, Voltaire desapareceu e nunca ninguém mais lhe pôs a vista em cima.

De regresso da África, chegou ontem ao Pôrto o meu velho amigo Crispim. Fui esperá-lo. Depois dum apertado abraço, saiu-se-me logo com uma grande novidade: — «Sabes? Encontrei o nosso Voltaire no interior da Africa. No dia em que o vi, estava êle radiante de alegria, estendido ao comprido, transpirando felicidade e suor por todos os poros.» — Pelo visto, disse-lhe eu, vives satisfeito e venturoso?

— Gozo a ventura suprema, respondeu-me Voltaire. E apontando para um termómetro que tinha junto dêle, exclamou: — Olha para ali. Quantos graus marca?

— 33; respondi eu.

— Ora aí tens. Lá, nunca mo quizeram dar. Foi preciso vir para a Africa para ter o grau 33, todo o dia e tóda a noite, a tóda a hora e a todo o instante!

Cartas a tinta negra  
(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:  
P'la cartinha  
Que recebi d'af agora mesmo,  
Vêse que anda por lá saúde a êsmo,  
E que a coisa caminha!  
Pois por cá anda tudo encatarrado,  
Porque chegou o frio, finalmente!  
Deus fechou na dispensa o tempo quente  
E trouxe outro, doente e enregelado...  
Mas se muito pacato lusitano  
Que falasse consigo,  
Sabde, por acaso, o que lhe digo,  
Exclamava com gesto veterano:  
«Frio em Africa? Homessa, que é demais!  
Isso é balela dêsse criançola!  
— Não pode ser, não lhe regula a bola...  
Vá pregar pêtas para os canibais!»  
E se em viagem de estudo ou de recreio,  
Pesceu num pôrto d'África horas «beras»,  
Tem logo à baila os tigres, as panteras,  
Os leões que matou só num passeio...  
E eu t' MARIA RITA,  
Quando lembro a farófia dêsses... Ritos,  
Penso: — Há só uma fera: — é a maldita,  
A execranda raça dos... mosquitos!  
E quanto a canibais... — outro caminho!  
— Comeram-se uns aos outros. De maneira  
Que pode vir por cá logo que queira,  
Sem medo.  
Saídações do  
Migue-LINHO.

# As enormíssimas tragédias internacionais ou as fosforescências trágicas dos amorfos

Aquele caso, meus senhores, do homem que se matou em Estocolmo por causa de não poder reacender a chama dos seus fósforos, há de ficar eterno na tragédia!

Quando lêmos minuciosamente as razões que levaram o célebre Kreuger a meter um tiro na cabeça por não poder pagar os seus compromissos, choramos copiosamente durante dias e dias. Exemplo de dignidade, de honradez e de escrúpulo. Outro qualquer no seu lugar teria engulido uma caixa do seu produto dissolvido em aguardente e pronto: não tardava um fósforo... a fazer a lavagem ao estômago.

Estávamos nisto, pezarosos e retrospectivos, quando nos veio parar às mãos um prospecto anunciador dum enormíssimo concurso: o fósforo que ri. Crueldade incongruente do destino! O fósforo que ri, quando o seu rei jaz inerte e sem cabeça! Republicana criatura! E com esta curiosidade, que há de levar a MARIA RITA a meter o nariz em tudo, pusemo-nos a caminho a entrevistar o sobredito fósforo.

Pelo caminho fomos pensando que o melhor seria encontrarmos um verdadeiro fósforo com cabeça. Estávamos nisto, quere dizer, iamós já no desgaste da sexagésima caixa dos amorfos, quando uma chama mais viva nos chamou a atenção: era o

## Fósforo de prata

de cabecinha pequenina, e menino e moço como o Dr. Luís Veiga. Abordámo-lo carinhosamente, e preguntámos-lhes as razões da morte do seu rei:

— Ora porque foi!? — respondeu êle — Foi pôrque perdeu a cabeça.

— Mas dizem os jornais que foram dificuldades de dinheiro...

— Deixe falar; são mentirosos. Ele se perdeu a cabeça foi porque andou a fazer a coleção do mapa de Portugal, dos fósforos «Pátria». Faltou-lhe a senha 30, e resolveu matar-se, porque entendeu que com a falta dêste número já se não ficava mal no outro mundo.

Não gostamos da graça, e continuámos a raspar fósforos e caixas inteiras até que, quando já mal podíamos mexer os pés, tal era a quantidade de palitos que os cercavam, apareceu a tal luzinha vermelha. Era o célebre

## Fósforo de ouro

Vinha todo inchado, amarelento como a guerra da China, e cheio daquela opulência que o valor nos dá. Puxou dum Havano puro-sangue, acendeu-o e disse-nos:

— Porque foi que êle se matou? Simplicíssimo. Matou-se porque a ruína o pôs às portas da morte. E a ruína, meu amigo, veio-lhe dos concursos. Tudo o que podia ganhar o dava em

prêmios; e as suas trezentas e setenta emprêsas não ganhavam senão para concorrer às despesas dos concursos. Só matando-se ganhou alguma coisa: o seu sossêgo.

E sem dizer mais nada afastou-se magestosamente.

Ficamos petrificados: ora ali estava um fósforo que falava com cabeça.

Para acendermos uma prisca, raspamos o último fósforo da caixa.

E fomos surpreendidos por uma gargalhada quási satânica.

Era o

## Fósforo que ri

que de tanto rir quási se entalou.

— Você está enganado, começou êle — O nosso rei não se matou, o nosso rei morreu. E morreu bem, porque morreu a rir como a célebre MARIA RITA.

Tudo o que dizem os jornais é pêta. São processos para fazer cair as acções Kreuger. Deixe falar e creia a mim.

Nós, francamente já não sabíamos o que pensar de tanto rir, porque o diabo do fósforo não parava um bocadinho. E o rir é uma coisa que não se pode encarar sem tremer de riso.

Fugimos. E já ao entrar na redacção ali mesmo à esquina do Fernandes Guimarães ouvimos um daqueles *pist* que quer dizer chamar.

Era o

## Fósforo de Espera Galego

que estava preguiçadamente sentado nas cordas dependuradas de um gancho.

— Voxaxoria é que anda a saber porque morreu o noxo rei?

Dissemos-lhe que sim e êle continuou:

— Ora porque houvera de xer: morreu porque os reis bão-xe indo todos. A uns mandão-nos, outros bom por xi mesmos...

Deixámo-lo. E ficamos a pensar que realmente o mal é dos sistemas. Até os fósforos já não querem as monarquias.

NAS

## Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos  
teem um cunho  
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

MAIS CANTIGAS

para o S. João e para o S. Pedro

O' meu rico S. João!  
O' meu santo marinheiro,  
Só q'ria que me dissesses,  
P'ra onde foi o dinheiro!

O S. João êste ano,  
P'ra mostrar que era patego,  
Foi ver a miraculada,  
Lá p'ras bandas de Lamego.

Repenica! Repenica! Repenica!  
Ele viu sangue a correr em bica!

O S. João escreveu  
Aos nossos irmãos *di lá*,  
Dizendo: paguem os juros  
Do dinheiro que é de cá.

O Getúlio respondeu:  
— Não tenho, não é maré,  
Em vez de mandar arroz,  
Só posso mandar café.

Orvalhudas! Orvalhudas!  
Esta espiga é das mais taludas!

S. João veio de Braga,  
A's festas das Fontainhas,  
Apanhou a camoeca,  
Foi p'ra Braga de gatinhas.

Ao chegar viu o Longuinhos,  
Em cima dumas cadeiras,  
A ver se apanhava mósas,  
P'ra meter nas frigideiras!

Repapolla! Repapolla! Repapolla!  
Pr'ó vinho verde, iscas do Caçoila!

S. Pedro não tem vintém  
P'ra mandar cantar um cego,  
Por isso, p'ra vir cá baixo,  
Foi pôr as chaves no prego.

E quando chegou à terra,  
Viu um tão grande banzé,  
Que fugiu logo p'ra o céu.  
Com medo do Soviet!

Orvalheiras! Orvalheiras! Orvalheiras!  
'Stá tudo torto, só há maroteiras!

S. Pedro pegou num óculo  
P'ra ver a nossa Avenida,  
Ao ver os meninos nus  
Ficou de cara torcida.

Foi fazer queixa ao Senhor,  
Que por causa dos recatos,  
Mandou um anjo à terra  
Por três parras nos Pilatos.

Orvalhadás! Orvalhadás! Orvalhadás!  
Ficaram êles com elas tapadas!

O S. Pedro anda escamado,  
E levado das maleitas,  
P'ra saber se ao céu convém,  
As esquerdas ou direitas.

Depois de muito pensar,  
Resolveu, por ter receio:  
— Nem esquerdas, nem direitas,  
Prefiro ficar no meio.

Repenica! Repenica! Repenica!  
Falta-me a rima p'ra rimar em *ica!*



# PEÇAS E



## De como 3 cavaleiros encontraram bálsamo para os seus penares e do mais que adiante se lerá

Peça em que entram 3 boas peças

Personagens: D. Ildebrando, D. Segismundo, D. Trutezindo, Os 3 respectivos contrapésos

### CENA I

*Debaixo de altaneira barbacan, os três cavaleiros suspiram, tangendo violas, assooprando frutas, Em cima, os três contrapésos, irmãs gêmeas, descuidadamente, vão entoando cantares de bem querer.*

D. ILDEBRANDO, furioso, parando de tocar e partindo a fruta nos joelhos:

Ai, coração, coração,  
Sofrer mais, não sofras, não!  
Pois que não quer a mofina  
Que seja outra a minha sina,  
Vou-me partir de longada,  
Em trabalhosa jornada,  
A combater o infiel!

*(olhando em roda)*

Vem, meu ligeiro corcel!

*(chorando)*

Ai, adeus, senhora minha,  
Que assim me vou, tão azinha!

O 1.º CONTRAPÊSO, do alto da muralha:

Ildebrando, o teu falar  
Não o posso acreditar!  
Vais perros vencer, matar,  
Podendo assim aumentar  
A velha bronquite tua?  
Meu amor, estás na lua!  
Do Doutor segue a lição;  
O que deves é tomar  
Um xarope de alcatrão  
Que te faça expectorar.

ÊLE, sucumbido:

Expectorar!... Tens razão!  
Ah! Quem me dera alcatrão!

*(Acocora-se no chão e chora desgarradamente.)*

D. SEGISMUNDO, quebrando também a fruta e... idem... idem:

O meu pesar não oculto!  
De meu corpo vai-se o vulto,  
Por vales, montes e cerros,  
A combater êsses perros,  
Sem guarida, sem quartel!

*(Exaltado, com música da Maria da Fonte:)*  
Eia, àvante, ao infiel!

*(Triste)*

Vai-se o vulto, mas eu não,  
Que parto sem coração!

O 2.º CONTRAPÊSO berra-lhe esganicadamente:

Senhor meu, quicá quereis,  
Nas lutas c'os infieis,  
Aumentar vosso sofrer?

Não sejas assim lunático!  
Não vos deveis esquecer  
De que sofreis do reumático!  
Cumprí com o bom conselho  
Do doutor, que é já um velho:  
« Banhos quentes, água quente,  
Tanto, quanto a pele agüente. »  
Banhos quentes, de pelar,  
P'ra o reumatismo passar.

D. SEGISMUNDO, escacado:

Banhos quentes!... Tens razão!  
Agüta que pele o coirão!

*(Põe-se a dar murros na cabeça que é uma autêntica dor de alma.)*

D. TRUTEZINDO, que não chega a partir a fruta, porque já a tinha partido há muito:

Ai, eu, coitado,  
Em gran cuidado,  
Por minha amiga,  
Por minha amada,  
Que me não liga  
Nenhuma, nada,  
Parto também  
P'ra Santarém.  
Quero morrer,  
Muito sereno,  
A combater  
O sarraceno!

O 3.º CONTRAPÊSO sussurra, ingênuamente:

Ai, amor,  
Ai, amor,  
Não partas, não!  
Tu esqueces  
Que padeces  
Da inflamação.  
A tua fraca barriga,  
A tua velha bexiga,  
Deves tratar.  
Toma Pedras,  
Vai às Pedras,  
Sem tardar.

D. TRUTEZINDO, arrancando cabelos:

Tens razão! Perdi o sizo!  
E' das Pedras que eu preciso!

OS TRÊS CAVALEIROS, a uma voce:

Mas sem o vosso carinho  
P'ra que servem vida e fama?  
A' morte, pois! A caminho!  
Guerra aos mouros da Moirama!

*(apitam estridentemente, aproximam-se os corceis, que êles cavalgam dum salto, e desaparecem no horizonte, entre uma nuvem de pó)*

### CENA II

*Nas muralhas dum castelo mouro, durante um ataque dos cristãos. Chovem setas, sibitam lanças no ar. Os cristãos atacam, encostando à muralha grandes escadas de assalto.*

D. ILDEBRANDO, que sobe a escada mastigando blasfêmias, recebe em cheio no rosto uma grande pázada de breu derretido. Tosse e diz, satisfeito:

Oh! Obrigado, Deus meu,  
Por esta colher de breu!  
Uma pázada de piche,  
E foi-se a reuma! 'Stou fixe!

D. SEGISMUNDO, que vinha atrás dêle, berando como um possesso, apanha pela cabeça com uma grande panela de água a ferver. Todo escaldado, diz, com satisfação:

Água a ferver! Que maná!  
Um banho mais, e não há  
Reumatismo que não vá  
P'ra sempre, embora! Obrigado,  
O' infiel odiado!

*(cai-lhe em cima segunda panela, que o deixa todo a cheirar a carne cozida.)*

D. TRUTEZINDO, mais atrás, suando e bujando, leva com duas valentes pedras no alto da pinha.

Pedras! Pedras! Finalmente,  
Encontro o tão almejado  
Tratamento, apropriado  
Para o meu ventre doente!

OS TRÊS, à brocha com tanta chuva de pedras, água a ferver e breu derretido, cantam, satisfetíssimos:

Um degrau só desta escada  
Faz melhor ao nosso mal  
Que a Terma mais afamada  
Do nosso bom Portugal!

FIM

Dr. KNOX.

## CARTAZ DE HOJE

S. João: O extraordinário êxito, Atlântida, Super-filme sonoro.

Teatro Rivoli: A célebre opereta Sonho de Valsa, pela C.ª dos Artistas Associados.

Águia d'Ouro: Cinema sonoro, No Alegre Madrid, por Ramon Novarro.

Olimpia: O fono-filme, Os cavaleiros da Montanha.

Trindade: A super-produção da Fox, Um príncipe que nunca amou.

Batalha: O grande êxito de Charlot Luzes da Cidade.

# P I M - P A M - P U M

É este o grande jôgo nacional

AUTÊNTICA

BARRACA DE FANTOCHES

Vejam, dentro, as condições dêste concurso que oferece

6:000\$00 Escudos

DE PRÊMIOS

e em que serão contemplados pelo menos

200 CONCORRENTES

Nada de dificuldades

Nem de subterfúgios

Simplíssimo — Fácil e lucrativo